



COMPORTAMENTO DO SETOR INDUSTRIAL DAS MICRORREGIÕES DE MATO GROSSO DO SUL: ANÁLISE DE MEDIDAS DE LOCALIZAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO.

(Desenvolvimento - Artigo Completo)

Bruna Maria O. B. Ferreira (UEMS) bruna1maio@hotmail.com
Noellen Silva Amorim (UEMS) noellen.amorim@hotmail.com
Claudia Maria Sonaglio (UEMS) claudia.sonaglio@gmail.com

Resumo:

Com as transformações provocadas pela globalização dos mercados, as estruturas econômicas das regiões atrasadas vêm se diversificando e a industrialização surge como elemento propulsor do desenvolvimento. O estado de Mato Grosso do Sul, é conhecido por suas atividades agropecuárias, no entanto, é possível identificar algumas regiões que iniciaram o processo de industrialização e possuem um potencial significativo de crescimento no setor. O artigo tem como objetivo apresentar o comportamento do setor industrial nas microrregiões de Mato Grosso do Sul no período de 2000 a 2010, comparando-o com o setor agropecuário e de serviços. O dado utilizado para a análise foi o PIB dos setores de cada microrregião do estado, de modo a realizar uma comparação entre as microrregiões e identificar qual apresenta o maior dinamismo industrial. Para isso, foi utilizado indicadores de localização e especialização com o intuito de analisar a dinâmica do setor e verificar se o setor se encontra concentrado em uma localidade específica ou se existe uma dispersão da indústria no estado. Os resultados indicaram que houve uma redução da atividade agropecuária no Estado, a microrregião de Três Lagoas foi a que se destacou com crescimentos superiores às demais microrregiões pesquisadas e pela existência de uma aglomeração industrial.

Palavras-chave: Setor Industrial, Mato Grosso do Sul, Fatores Locacionais.

1 Introdução

A economia brasileira e suas respectivas transformações das últimas décadas como a alteração do papel do Estado e o processo de abertura comercial, influenciaram significativamente na construção da estrutura produtiva econômica. O desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul (MS) e seu processo de formação econômico sofreu várias influências pelas políticas de desenvolvimento regional.

O estado de Mato Grosso do Sul, tem sua economia voltada para a atividade agropecuária, teve o processo de desenvolvimento econômico dentro de um contexto racional capitalista, contando com amplo investimento federal em infraestrutura. Mas com a descentralização da indústria nacional para as regiões periféricas observa-se ter havido uma relativa expansão da indústria no Estado, onde grandes empresas de capital nacional e estrangeiro predominantemente agroindustrial possui grande participação. A indústria é considerada o setor mais dinâmico no processo de desenvolvimento e a principal característica da agroindústria é a forte dependência do setor primário.

No contexto de uma política nacional de desenvolvimento, a preocupação centra-se principalmente, na elevação do nível de renda, na geração de novos empregos e na implantação de novas indústrias. Segundo Zamberlan, et al, (2010), a industrialização do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul, especificamente, iniciou tardiamente, isso se deve a contingência histórica,



pois as condições existentes no Brasil da República Velha para que a industrialização ocorresse estavam concentradas na região Sudeste. A industrialização só poderia ocorrer em regiões como o Centro-Oeste se houvesse políticas governamentais específicas, o que não era interesse das classes dominantes na época. Políticas para a região Centro-Oeste só foram implantadas nos governos do pós-1930, o que contribuiu para o atraso substancial da região, que se reflete até os dias atuais.

Do ponto de vista regional, cumpre observar que o estado de Mato Grosso do Sul não é ainda fortemente industrializado, mas encontra-se em pleno desenvolvimento no setor. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica do setor industrial nas microrregiões de Mato Grosso do Sul no período de 2000 a 2010, identificando sua distribuição e especialização no território estadual. Para tanto, utilizou-se os métodos de análise regional através das medidas de especialização e localização.

Para atingir o objetivo, o trabalho está dividido em cinco seções, além dessa introdução: na seção 2 será apresentada as características do estado do Mato Grosso do Sul. Na seção 3 será apresentada uma breve revisão bibliográfica. Na seção 4 é apresentado as metodologias utilizadas para a composição deste trabalho e que traz as medidas clássicas de localização e especialização. A seção 5 é apresentada os principais resultados e na seção 6 é apresentado as considerações finais desta pesquisa.

2 Evolução Econômica Do Estado Do Mato Grosso Do Sul

O estado do Mato Grosso do Sul é um estado situado no sul da região Centro-Oeste do Brasil, conta com 79 municípios, esses distribuídos numa área de 357.145,532 Km² com sua população de 2.449.024 habitantes. (IBGE, 2010). Tem como municípios mais populosos Campo Grande (capital), Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Ponta Porã. (IBGE 2010). Essas mesmas cidades obtêm as maiores participações no PIB do estado.

A divisão microrregional de um Estado, segundo dados da SEMAC - 2010 é resultado de uma análise de dois indicadores básicos, em primeiro, a interação espacial entre os municípios e, em segundo lugar, a estrutura produtiva. A divisão microrregional do Mato Grosso do Sul aborda 11 microrregiões, o estado foi dividido nas seguintes microrregiões: Baixo Pantanal; Aquidauana; Alto Taquari; Campo Grande; Cassilândia; Paranaíba; Três Lagoas; Nova Andradina; Bodoquena; Dourados e Iguatemi.

O PIB (Produto Interno Bruto) do estado do Mato Grosso do Sul em 2012 era de 54.471 R\$ bilhões, o que resulta em um PIB *per capita* estadual de R\$ 21.744,32. O desempenho global do estado em 2012 proporcionou a posição 17^a economia no *ranking* brasileiro e detentor do 9º maior PIB *per capita* entre as Unidades de Federação, incluindo o Distrito Federal, segundo dados do IBGE/ SEMAC. Na Tabela 01, apresenta-se o comportamento do PIB estadual em comparação com o Brasil e Centro-Oeste para o período de 2002 a 2012.

Tabela 01 – Comparativo do PIB Brasil, Centro-Oeste e Mato Grosso do Sul no período de 2002 a 2012. (R\$ milhão) – Em valores correntes.

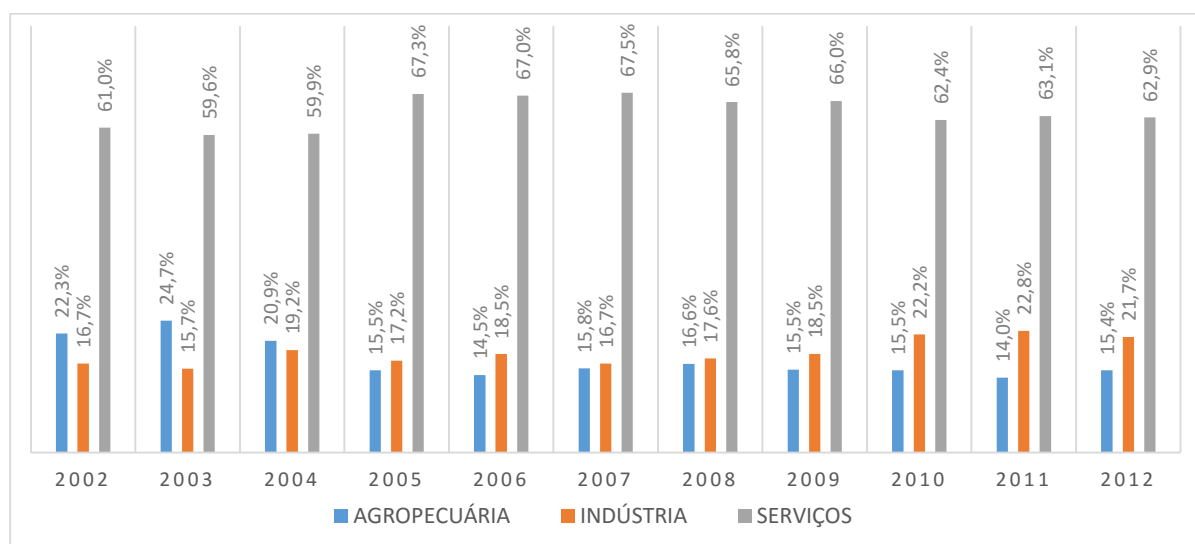
ANOS	BRASIL	CENTRO-OESTE	MATO GROSSO DO SUL
2002	1.477.822	129.649	15.154
2003	1.699.948	153.104	19.274
2004	1.941.498	176.811	21.105
2005	2.147.239	190.178	21.651
2006	2.369.484	206.284	24.341
2007	2.661.345	235.964	28.121
2008	3.032.203	279.372	33.143
2009	3.239.404	310.764	36.368
2010	3.707.085	350.596	43.514
2011	4.143.013	396.410	49.242
2012	4.392.094	430.463	54.471

Fonte: SEMAC – baseado dados IBGE/CONAC, SENAC-MS SUPLAN

Comparando o PIB do estado de Mato Grosso do Sul com o Brasil nos últimos anos, verifica-se que houve uma evolução no desempenho do PIB estadual. Quanto à taxa de crescimento do PIB/MS e do Brasil, percebe-se que Mato Grosso do Sul teve um crescimento de 7,79% em 2012/2011 enquanto o Brasil cresceu 1,03%.

Este resultado, segundo a SEMAC, foi impactado pelos setores primários e secundários, o primeiro em 2012 apresentou uma elevação de 96,0% na produção de milho e de 8,3% na produção de cana-de-açúcar, o setor secundário se destacou na indústria Extrativista Mineral, a Indústria de Transformação e a Construção Civil. Assim, a participação nacional do estado de Mato Grosso do Sul que em 2011 era de 1,20% passa para 1,24 em 2012.

Gráfico 1 - Composição do Valor Adicionado do Produto Interno Bruto por Setor – 2002-2012 de Mato Grosso do Sul.



Fonte: elaboração própria baseado dados SEMAC

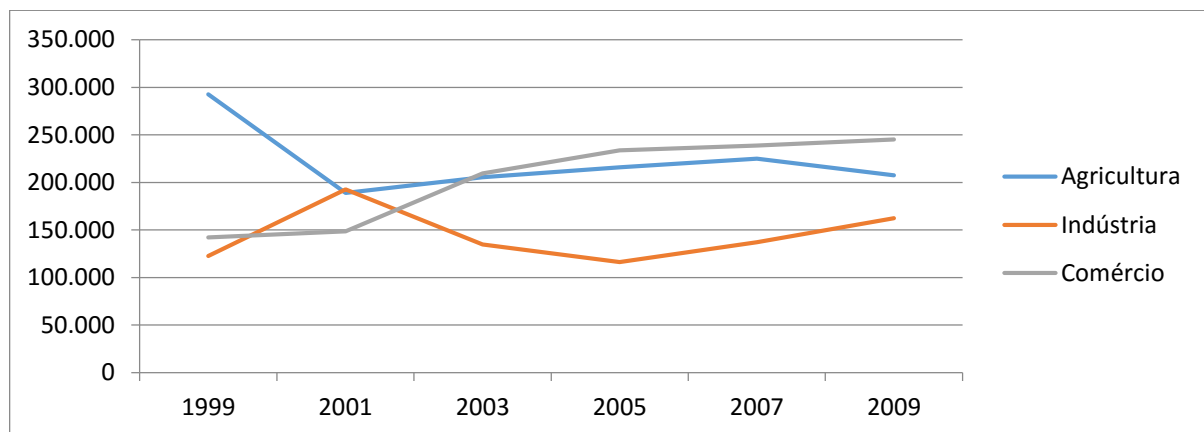
O Gráfico 2, apresenta a composição do PIB de Mato Grosso do Sul, e pode-se observar que a contribuição do setor terciário no valor adicionado da economia sul-mato-grossense foi de 62,9% no ano de 2012. Avaliando o comportamento da agropecuária e da indústria ao longo do período 2002 a 2012, os resultados mostraram que o setor primário apresentou uma redução

na participação de 23,3% em 2002 para 15,4% em 2012. No entanto, o comportamento do setor secundário (indústria) apresentou uma evolução, tendo nos anos de 2010, 2011 e 2012 alcançado os melhores desempenhos, uma participação de 22,2%; 22,8% e 21,7% respectivamente.

De acordo com a SEMAC, o destaque observado no avanço do setor industrial é o crescimento da indústria de transformação, principalmente nos segmentos da produção de celulose a partir do eucalipto e da indústria sucroalcooleira tendo como matéria prima a cana-de-açúcar. A indústria de Construção Civil cresceu 12,6% apoiada na pavimentação de rodovia, construção de pontes de concreto e habitação popular, tendo ainda a Indústria Extrativa Mineral.

Conforme demonstrado no Gráfico 03, o estado vem apresentando ascensão desde 2005 nos índices de pessoas ocupadas na indústria e uma diminuição a partir de 2007 do mesmo índice na agricultura. O comércio em todo o período da pesquisa evidencia crescimento significativo de pessoas ocupadas.

Gráfico 02 - Pessoas Ocupadas por Ramos de Atividade, Economicamente Ativas, no Trabalho Principal no Estado de Mato Grosso do Sul.



Fonte de dados: Semac, gráfico elaborado pela autora.

Os PIBs das microrregiões do estado vêm se elevando na última década, as principais microrregiões do estado em relação ao PIB são Campo Grande, Dourados, Três Lagoas e o Baixo Pantanal. Essas quatro microrregiões que constituem as maiores economias regionais no ano de 2012, são responsáveis por 72,87% da geração de riqueza no Mato Grosso do Sul. (SEMAC, 2012)

A regionalização do Produto Interno Bruto observado ao longo do período de 2002 a 2012 possibilitou observar o comportamento das 11 Microrregiões do estado. A Tabela 02 apresenta os valores dos PIBs, participação que elas representam e a posição do ranking demonstrando visualmente a dinâmica do estado em geral.

Tabela 02 – PIB, participação e ranking das microrregiões do estado do Mato Grosso do Sul dos anos de 2007 e 2010.

Microrregiões	PIB 2007 Valores Correntes R\$1,00	2007 Part. (%)	Ranking 2007	PIB 2012 Valores Correntes R\$1,00	2012 Part. (%)	Ranking 2012
MRG Alto Taquari	1.519.336.357	5,4	6	2.601.112.295	4,78	6
MRG Aquidauana	809.621.969	2,88	11	1.233.394.254	2,26	11
MRG Baixo Pantanal	2.300.815.748	8,18	3	4.166.680.692	7,65	4
MRG Bodoquena	858.108.781	3,05	10	1.519.702.846	2,79	9
MRG Campo Grande	9.840.245.418	34,99	1	18.704.028.300	34,34	1
MRG Cassilândia	1.012.620.310	3,6	8	2.052.176.116	3,77	10
MRG Dourados	5.839.398.775	20,76	2	12.111.244.242	22,23	2
MRG Iguatemi	1.854.601.808	6,59	5	3.645.341.318	6,69	5
MRG Nova Andradina	1.098.882.185	3,91	7	2.126.550.124	3,9	7
MRG Paranaíba	867.292.392	3,08	9	1.600.200.112	2,94	8
MRG Três Lagoas	2.120.496.744	7,54	4	4.711.017.039	8,65	3

Fonte de dados: Semac, gráfico elaborado pela autora.

Observando o comportamento das 11 Regiões, verifica-se que as MRG's de Alto Taquari, Aquidauana, Baixo Pantanal, Bodoquena, Campo Grande, Nova Andradina e Paranaíba tiveram perda de participação. As microrregiões que sofreram melhorias nos índices foram Três Lagoas, Iguatemi, Dourados e Cassilândia com destaque para Três Lagoas e Dourados que melhorou sua posição e manteve respectivamente no *ranking*.

A microrregião de Três Lagoas tem como destaque a atividade industrial, tendo como polo o Município de Três Lagoas, ainda tendo força a pecuária de corte e a atividade florestal, já na microrregião de Dourados o setor de forte impacto é o agropecuário, principalmente na produção de grãos. No âmbito regional, a economia do Estado se distribui de forma bastante heterogênea. (SEMAM, 2012).

3 Desenvolvimento Regional e Industrialização

No período pós-Segunda Guerra, a problemática regional foi bastante discutida por diversos teóricos, cujas as ideias influenciaram fortemente o planejamento econômico nos países periféricos, com o intuito de esclarecer sua problemática, indicando, inclusive, as possíveis soluções para a superação do subdesenvolvimento. Esse tema surgiu no século XX, forjado no contexto político-econômico do pós-guerra, apontando uma nova realidade e demonstrando o seu oposto, o subdesenvolvimento. (LIMA e SIMÕES, 2010).

O conceito aqui utilizado postula que o desenvolvimento deve ser entendido como a condição institucional e estrutural da economia que possibilita contínuo crescimento da produtividade, e resulta na garantia de adequado nível de riqueza material para o conjunto da população de um dado país (Furtado, 1961). No entanto, estabelece uma diferenciação clara entre os conceitos de crescimento e desenvolvimento. Embora o crescimento seja fundamental no processo de desenvolvimento, o desenvolvimento inclui também a construção das condições institucionais e estruturais necessárias para a manutenção desse crescimento.

Para Singer (1977), o crescimento é visto como um processo de expansão quantitativa, geralmente observado em sistemas relativamente estáveis dos países industrializados, ao passo



que o desenvolvimento é encarado como um processo de transformação qualitativas dos sistemas econômicos que prevalecem nos países desenvolvidos. Assim segundo o autor, o desenvolvimento é um processo de passagem de um sistema a outro.

Portanto a definição de crescimento econômico, em seu sentido mais amplo, é um aumento contínuo, no tempo, do Produto Nacional Bruto em termos reais. Em seu sentido mais restrito, crescimento econômico seria o aumento do produto per capita no período considerado para análise. Já desenvolvimento econômico é um processo de transformação qualitativa da estrutura econômica de um país. Nesta definição se acham implícitos os fenômenos socioeconômicos que o acompanham: transferências de grandes massas da população do campo para as cidades, constituição de um parque industrial mais ou menos amplo, aumento da produtividade do trabalho, melhoria do padrão de vida, e elevação do nível cultural. Assim, o desenvolvimento econômico é um caso particular de crescimento econômico (SINGER, 1977).

O desenvolvimento econômico, conforme Souza (1999) é precário em países subdesenvolvidos, por estes terem uma dependência econômica, tecnológica e financeira de países mais desenvolvidos. Este panorama precisa ser alterado para que os indicadores de desenvolvimento, tais como renda per capita, alimentação, expectativa de vida, educação, segurança, habitação, saúde, produção agrícola e industrial e qualidade de vida, eleve a taxa de crescimento das economias mais pobres.

A teoria do desenvolvimento conforme Furtado (1977), tem-se preocupado quase que exclusivamente, com a dinâmica dos sistemas industriais. Análises contemporâneas confirmam a elevada correlação entre industrialização e desenvolvimento. A industrialização não é uma simples resposta à diversificação da procura, mas exige um aumento de capital por unidade de fatores e proporciona o progresso técnico e melhora a qualidade do fator humano. Neste parâmetro, com a industrialização, aumenta a flexibilidade da estrutura produtiva,

A teoria do desenvolvimento tem como problema discutir o constante aumento da produtividade do trabalho e sua distribuição em favor do maior bem-estar material do conjunto da população. Aumentos da produtividade do trabalho têm como principais fontes a transferência de trabalhadores para setores mais produtivos – manufatura e incorporação de capital ou inovações - adoção de técnicas produtivas mais avançadas. O mecanismo básico do desenvolvimento é o modo fundamental de elevação da produtividade, ou seja, a acumulação de capital e a realização de investimentos (Furtado, 1961).

Em contraste com a economia brasileira, que possui elevada heterogeneidade e detém de pouco capital, Furtado (1961) afirma que a estrutura produtiva dos países desenvolvidos é caracterizada por fatores como, elevado índice de capital por trabalhador – o que indica elevada produtividade do trabalho; relativamente homogênea entre os setores da economia; presença de um setor produtor de bens de capital; produção diversificada e focada em bens de elevado teor tecnológico.

Krugman (1991) apud Resende e Wyllie (2005), afirma que pode haver condicionantes de natureza histórica para a localização que transcende os aspectos puramente associados às externalidades. Pode-se definir dois tipos de externalidades, o primeiro refere-se às chamadas economias de localização que beneficiam firmas que sejam da mesma indústria, o que define um aspecto para explicação da aglomeração que é específico do setor de atividade considerado. O segundo tipo é capaz de beneficiar indistintamente firmas de diferentes indústrias que estejam concentradas em uma determinada localidade, chamadas de economias de urbanização.

Segundo Perroux apud Lima (2010), o processo de crescimento é irregular, e seus principais aspectos estão relacionados às variações da estrutura econômica nacional, que



consiste no aparecimento e desaparecimento da indústria e em taxas de crescimento diferenciadas para as indústrias no decorrer do tempo. Para analisar o crescimento é preciso considerar o papel desempenhado pela indústria e pelo crescimento dos polos de desenvolvimento.

As economias de escala originam-se do aperfeiçoamento ou da descoberta de novos processos produtivos que proporciona uma elevação no nível de produtividade da indústria, que conseqüentemente significa maiores lucros e uma maior capacidade de investimento. As indústrias tem sido as principais responsáveis em relação ao aumento da produtividade e agente dos efeitos de encadeamentos possibilitando aumento de emprego, da renda e pelo crescimento econômico de longo prazo (NASSIF, 2006).

Um projeto que viabilize a adaptação efetiva do setor industrial é pensar estrategicamente a questão do investimento que não se realiza apenas através das forças de mercado. Necessita pensar a efetiva incorporação e fusão de novas tecnologias, a importância do capital estrangeiro no projeto de desenvolvimento industrial que permitam as empresas localmente crescer, se aglomerar e se internacionalizar. Necessita pensar o desenvolvimento industrial a partir de uma visão espacial, pois é no âmbito local que tanto os conflitos políticos podem ser minimizados quanto as interações técnicas visando o estabelecimento dos processos inovativos fundamentais para a competitividade (CASSIOLATO, 1999).

As ações para o processo de industrialização, com a expansão do sistema capitalista. Neste contexto, surgem várias teorias que buscam uma explicação para o processo de desenvolvimento das regiões, como a clássica teoria perrouxiana dos pólos de crescimento e desenvolvimento, a qual se baseia no conceito de indústria motriz para explicar o crescimento desigual e as disparidades regionais (MARINI e SILVA, 2012).

François Perroux baseou sua teoria no estudo das economias subdesenvolvidas onde o crescimento não ocorre de forma homogênea pela insuficiência de recursos e fatores de produção. Souza (1993) argumenta que algumas regiões, chamadas de regiões centrais, crescem com altas taxas e as demais ficam estagnadas ou crescem mais lentamente, e acabam perdendo a participação no produto nacional por não terem as mesmas possibilidades de crescimento. Nas fases iniciais do desenvolvimento as forças de mercado levam a esta concentração de crescimento em uma região central, os fatores de produção como mão-de-obra e capital tendem a migrar das regiões mais pobres para aquelas que lhe tragam mais oportunidades.

A teoria dos polos foi desenvolvida em 1955, quando se observava a concentração das indústrias, que acontecia na França ao redor de Paris, e na Alemanha no Vale de Ruhr. Os polos industriais se concentram ao redor de uma aglomeração urbana importante, e próxima das fontes de matérias primas, esses polos também são encontrados em lugares onde existe grande fluxo comercial assim como em grandes áreas agrícolas.

Para Perroux (1967) o aparecimento de uma nova indústria bem como seu crescimento só acontece por intermédio de preços do mercado, fluxos e antecipação, que são os meios necessários para o crescimento do polo. Destaca-se também, o papel das inovações como propulsores de crescimento e do surgimento de novas indústrias.

A teoria de Hirschman afirma que em países subdesenvolvidos onde a industrialização apareceu lentamente só haverá empreendimentos dos setores industriais se eles tiverem a certeza de lucros extraordinários. Vendo este cenário, surge então a ideia de uma industrialização através de um planejamento, a partir da estratégia de industrialização desequilibrada (SOUSA, 2009)

O crescimento desequilibrado que Hirschman apresenta que a interdependência de uma economia é causada pelo crescimento, impulsionando a economia com mudanças de preços e políticas governamentais. E que a infraestrutura ruim ou a falta desta dificulta o desenvolvimento quando ele está no seu início, atrasando o crescimento do setor produtivo. Essa infraestrutura criada pelo estado reduz os custos das empresas propiciando, maiores taxas de retorno para o investimento ora realizado. Hirschman recomendava que o governo estimulasse os investimentos em atividades diretamente produtivas (SOUSA, 2009)

Para Oliveira (2008), o crescimento desequilibrado de Hirschman traz consigo efeitos favoráveis e desfavoráveis ao crescimento das outras regiões. Os efeitos favoráveis (fluência) aumentam os investimentos e as compras das regiões mais pobres, principalmente porque essas economias acabam absorvendo parte da mão-de-obra, o que aumenta a produtividade e os níveis de consumo per capita dessas regiões. Os efeitos desfavoráveis (regressivo), acontecem quando as empresas mais qualificadas retiram das empresas menos favorecidas os seus técnicos, administradores e empresários qualificados e juntam todos em torno das regiões polos.

Hirschman, por sua vez, questiona a doutrina do crescimento balanceado, alegando que o processo de desenvolvimento pressupõe mudanças estruturais incompatíveis com o equilíbrio. Amparando-se na ideia de economias de aglomeração, formula os conceitos de efeitos para trás e para frente (*backward e forward linkages*), que traduzem os impactos regionais provenientes da implantação de indústrias. A partir de um modelo simples de duas regiões, analisa esses impactos, incorporando à sua formulação os conceitos de efeitos polarizadores e difusores, adota uma postura intervencionista, justificando a ação do poder público em favor do desenvolvimento. (UDERMAN, 2008)

A teoria de Myrdal explica a dinâmica econômica regional, baseada em um processo de causalção circular cumulativa (C.C.C), na qual o sistema econômico é algo eminentemente instável e desequilibrado. Ele recorre à noção de ciclo vicioso para explicar como um processo se torna circular e cumulativo, no qual um fator negativo é ao mesmo tempo causa e efeito de outros fatores negativos. O processo cumulativo pode ocorrer nas duas direções, positiva e negativa, e o mesmo, se não regulado tende a aumentar as disparidades entre regiões. Myrdal defende a ideia de que o processo de causalção circular cumulativa reflete de maneira mais realista as mudanças ocorridas na sociedade quando comparado à hipótese clássica do equilíbrio estável, pois não há uma tendência automática das forças econômicas em direção a um ponto de equilíbrio no sistema social. (LIMA e SIMÕES, 2009).

Na literatura econômica, o desenvolvimento do setor industrial recebe papel de destaque na explicação da desigualdade entre diferentes países ou regiões. O modelo Kaldoriano em contraposição às premissas da teoria neoclássica adota uma perspectiva de que a análise econômica deve sempre ser precedida da observação de regularidades empíricas ou fatos estilizados e, uma vez que o pressuposto neoclássico de retornos constantes de escala é abandonado, o processo de crescimento econômico se torna fundamentalmente endógeno (BRITTO e ROMERO, 2011).

Kaldor analisou empiricamente os efeitos do setor industrial sobre a economia e inferiu que esse setor agrega retornos crescentes a economia. De acordo com as “Leis de Kaldor”, a indústria é vista como um motor de crescimento econômico e há forte relação entre o crescimento do produto e o da produtividade industrial (BRITTO e ROMERO, 2011).

A suposição básica de Rosenstein-Rodan e de Nurkse é a de que uma onda de investimentos, realizados em um conjunto de indústrias diferentes, pode ser bem-sucedida, enquanto qualquer aplicação de capital por um empresário individual, em determinada indústria, tenderia a fracassar, em princípio, ou ser bloqueada pela pequena dimensão do



mercado interno. As maiores vantagens da estratégia do grande impulso consistem no aumento do estoque de capital, na ampliação do tamanho do mercado e na possibilidade de especialização e aumento de eficiência, podendo romper com o círculo vicioso da pobreza (SOUZA, 2009).

O Brasil passou por uma extraordinária transformação industrial ao final da Segunda Guerra Mundial e uma das principais características do desenvolvimento industrial no período, relaciona-se ao estímulo à industrialização pelo Estado. O papel estatal foi fundamentalmente estruturante, propiciava condições à atração de capital estrangeiro, proporcionando a infraestrutura fundamental para promover a formação, consolidação e a transformação dos setores industriais. (CASSIOLATO, 2001)

As economias modernas têm se baseado numa intensa divisão do trabalho que segmentou a produção em múltiplos setores de atividade. Agricultura, indústria e serviços representam uma divisão convencional de atividades econômicas, embora a classificação prática de uma atividade nesse tripé possa ser questionada. Notadamente no caso da economia brasileira, desde o final dos anos 1990, apesar do comentado aumento da participação do setor de serviços, a atividade industrial ainda representa o elemento-chave do dinamismo econômico nacional e regional. Em diferentes contextos territoriais (municípios, estados ou regiões) a ausência da atividade industrial pode representar um obstáculo ao desenvolvimento, daí o interesse das políticas públicas no estímulo à descentralização dos investimentos públicos e privados. Tais políticas foram consubstanciadas no papel ativo do Estado brasileiro na integração econômica do território nacional. (DOMINGUES e RUIZ, 2006).

As teorias apresentadas intensificam a importância da industrialização para o crescimento e desenvolvimento econômico de uma região. Assim, o setor industrial tem o poder de transformação da economia com criação postos de empregos, aumento de renda familiar e melhores condições sociais.

4 Metodologias

Esta seção compreende os aspectos metodológicos da pesquisa, os métodos utilizados são os métodos de Quociente Locacional (QL_{ij}) e o Coeficiente de Associação Geográfica (CA_{ik}).

De acordo com Simões (2005), as medidas de localização e especialização geralmente são utilizadas em diagnósticos preliminares para políticas de descentralização industrial e, especialmente para as caracterizações de padrões regionais da distribuição espacial de atividade econômica. O método é um conjunto de medidas descritivas de natureza exploratória que podem ser divididas entre medidas de localização, de natureza setorial, que procura verificar padrões de concentração ou dispersão espacial. Destacam-se nesta medida como as mais utilizadas o Quociente Locacional (QL_{ij}) e o Coeficiente de Associação Geográfica (CA_{ik}).

O Quociente Locacional (QL), segundo Suzigan et al. (2004), indica a concentração relativa de um determinado ramo de atividade numa região, comparativamente à participação desse mesmo ramo no Estado. Esta comparação permite apontar as atividades básicas e não básicas para a região. Seu resultado possui indicações de especialização ou diferenciação, valores do indicador superiores à unidade (QL > 1) revelam os setores de destaque, básicos para a região analisada e com possibilidades para exportações; valores inferiores a um (QL < 1) indicam o oposto (SIMÕES, 2004).

O Coeficiente de Associação Geográfica compara distribuições percentuais dos setores i e k entre duas regiões quaisquer. Seus valores variam de zero (0) a um (1). Valores próximos a

zero indicam que a atividade produtiva i estará distribuída regionalmente da mesma forma que a atividade produtiva k , mostrando que os padrões locais das duas atividades produtivas estão associados de forma mais significativa. Valores próximos a um (1) representam uma fraca associação. (LIMA et al, 2007)

Para a realização da pesquisa utilizada fonte de dados secundários, coletados pela plataforma IPEADATA. O estudo analisou o comportamento dos setores nas 11 microrregiões do estado do Mato Grosso do Sul no período de 2000-2010 mediante a aplicação das medidas clássicas de localização e especialização. A base de dados utilizada para o estudo corresponde ao PIB (Produto Interno Bruto), dos setores: agropecuária, industrial e de serviços.

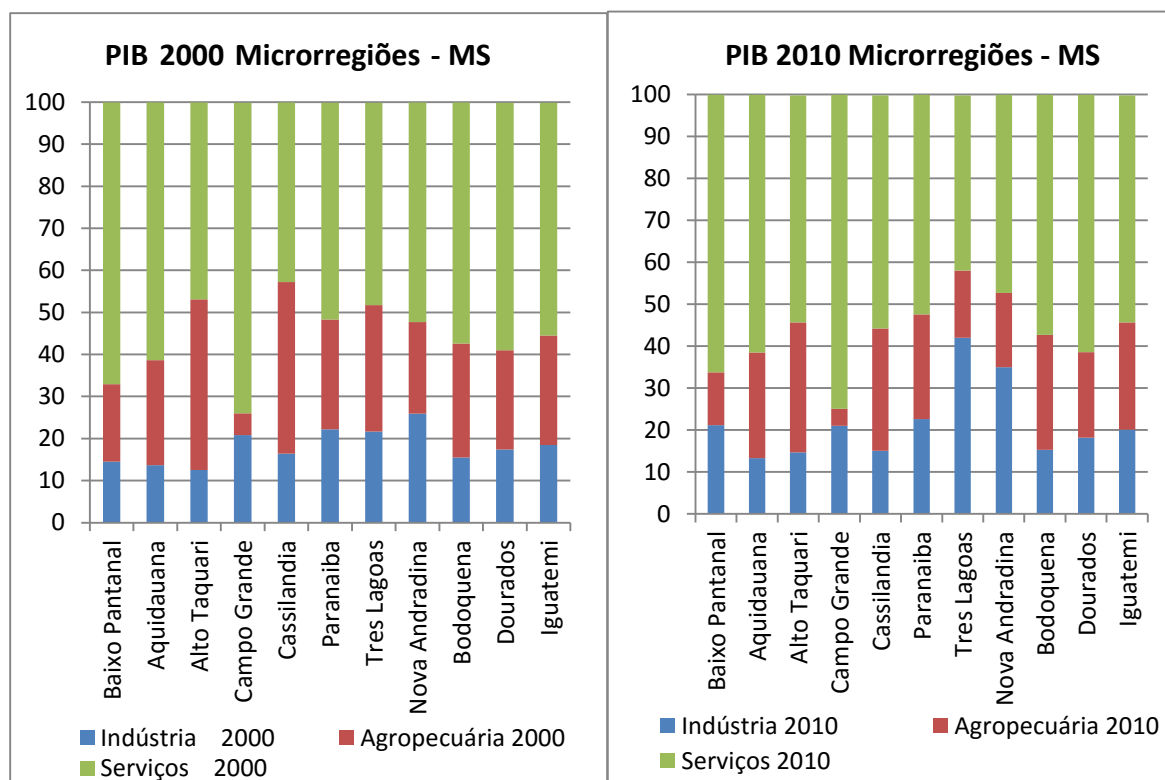
5 Resultados

5.1 Aplicações das Medidas de Localização e Especialização

A seguir, são apresentados os resultados obtidos com a aplicação da metodologia de análise regional, através das medidas de especialização e localização para as 11 microrregiões do Estado de Mato Grosso do Sul.

Através dos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEADATA), Contas Nacionais de 2000 e 2010, no Gráfico 03 é apresentada a distribuição do PIB valor adicionado entre os setores de cada microrregião para um comparativo de suas evoluções. Na década pesquisada os setores de atividades sofreram algumas alterações na distribuição conforme demonstrado a seguir:

Gráfico 03 – Participação setorial PIB valor adicionado das microrregiões de Mato Grosso do Sul, para os anos 2000 e 2010 a preços básicos (em %).



Fonte: IPEADATA, elaboração própria.

Pelos dados do Gráfico 03, percebe-se que o setor da indústria é o mais distribuído entre as microrregiões do Estado no ano 2000, os demais setores agropecuária e serviços apresentam um grau de concentração mais intenso. Nota-se que apenas as microrregiões de Nova Andradina e Campo Grande possuem em sua composição do PIB o valor da indústria, maior que agropecuária, porém a média de participação do PIB industrial está em torno de 18% do PIB total entre as microrregiões.

No entanto, mediante comparação do período 2000/2010, pode-se observar que houve significativas mudanças estruturais nas microrregiões de Mato Grosso do Sul. O setor agropecuário sofreu reduções nos índices em 82% das microrregiões do Estado, com destaque para Cassilândia e Três Lagoas que diminuíram sua participação em mais de 10%. Em contrapartida 73% das microrregiões tiveram aumento na participação do setor industrial, Nova Andradina e Três Lagoas apresentaram as alterações mais expressivas, sendo para a última um crescimento de 100%, a evolução do setor industrial entre as microrregiões, partiu de 21% em 2000 para 42% em 2010.

Este resultado apresenta a microrregião de Três Lagoas como a mais dinâmica do Estado no setor industrial. De acordo com Oliveira, (2006), a aliança de recursos naturais juntamente com os incentivos governamentais fez de Três Lagoas a região que nos últimos dez anos mais se industrializou no estado de Mato Grosso do Sul. Recursos naturais e incentivos governamentais, associados a uma mão de obra barata, têm estimulado o estabelecimento de diversas empresas nacionais e internacionais, fazendo de Três Lagoas um lugar mais globalizado que o restante da região Leste do Estado.

A tabela 02 apresenta o Quociente Locacional (QL) calculados para todas as microrregiões dos setores de atividades econômicas. No método, os maiores coeficientes representam maior concentração espacial do subsetor

Tabela 03 – Quociente Locacional por setor de atividade das microrregiões do estado de Mato Grosso do Sul – 2000/2010.

Microrregiões	Agropecuária		Indústria		Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Baixo Pantanal	0.946	0.817	0.773	0.959	1.087	1.060
Aquidauana	1.276	1.633	0.730	0.602	0.995	0.985
Alto Taquari	2.081	2.006	0.666	0.668	0.760	0.869
Campo Grande	0.268	0.269	1.111	0.949	1.198	1.199
Cassilândia	2.092	1.889	0.875	0.684	0.693	0.892
Paranaíba	1.342	1.619	1.181	1.023	0.836	0.839
Três Lagoas	1.542	1.038	1.156	1.900	0.781	0.671
Nova Andradina	1.118	1.148	1.379	1.580	0.847	0.758
Bodoquena	1.391	1.776	0.824	0.692	0.930	0.917
Dourados	1.213	1.322	0.930	0.823	0.954	0.983
Iguatemi	1.335	1.661	0.988	0.911	0.898	0.868

Fonte: Resultado da pesquisa, elaboração própria.

Observando-se o Quociente Locacional exposto na Tabela 03, nota-se 82% das microrregiões de Mato Grosso do Sul são especializadas na agropecuária, apenas as microrregiões Baixo Pantanal e Campo Grande tiveram o indicador Quociente Locacional menor que a unidade no setor, este resultado, significa que são menos especializadas neste setor agropecuário, porém, em comparação com os demais setores, verifica-se que estas são as únicas especializadas no setor de serviços nos últimos dez anos, com índices (QL) maior que um.

A Indústria que em 2000 era representada por quatro microrregiões, Campo Grande, Paranaíba, Três Lagoas e Nova Andradina, no ano de 2010. Campo Grande deixou de ser especializado na indústria e o destaque ficou para a região de Três Lagoas com o maior índice de especialização neste setor.

Constata-se que o coeficiente mais elevado do setor industrial em 2010 é o da microrregião de Três Lagoas, seguido pela MRG de Nova Andradina e que estas mesmas unidades também apresentam coeficientes elevados no setor agropecuário, cujos QIs (Tabela 03) apontavam para uma concentração da indústria na mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul.

Pelos dois indicadores, fica clara a vocação industrial de Três Lagoas. Segundo a Prefeitura Municipal, a principal cidade da microrregião também chamada de Três Lagoas contém uma infraestrutura apropriada para o desenvolvimento industrial, ela dispõe da Usina Hidrelétrica de Jupiá, na divisa com o estado de São Paulo e dispõe de Ferrovias, hidrovias e rodovias que facilitam o transporte dos produtos. Concentra-se duas grandes indústrias de papel e celulose, Fibria e a Eldorado, que juntas produzem mais de 2 milhões de toneladas de celulose por ano e possui quase três mil empresas e indústrias de grande e médio porte.

O Coeficiente de Associação Geográfica analisa dois setores diferentes e verifica se estes estão geograficamente associados, ou seja, se apresentam o mesmo padrão de distribuição espacial.

Tabela 04 – Coeficiente de Associação Geográfica entre Indústria e Agropecuária - Indústria e Serviços das microrregiões de Mato Grosso do Sul 2000/2010.

Microrregiões	Indústria e Agropecuária	Indústria e Agropecuária	Indústria e Serviços	Indústria e Serviços
	2000	2010	2000	2010
Baixo Pantanal	0.010	0.011	0.018	0.008
Aquidauana	0.016	0.028	0.008	0.010
Alto Taquari	0.092	0.067	0.006	0.010
Campo Grande	0.298	0.230	0.031	0.085
Cassilândia	0.054	0.042	0.008	0.007
Paranaíba	0.005	0.019	0.012	0.006
Três Lagoas	0.028	0.082	0.027	0.118
Nova Andradina	0.009	0.017	0.018	0.033
Bodoquena	0.019	0.033	0.004	0.007
Dourados	0.059	0.101	0.005	0.032
Iguatemi	0.024	0.053	0.006	0.003

Fonte: Resultado da pesquisa, elaboração própria.

Analisando a tabela 04 notou-se que no ano 2000, 73% das microrregiões possuem o padrão de distribuição espacial nos setores da indústria e serviços, somente as microrregiões Baixo Pantanal, Paranaíba e Nova Andradina apresentam a indústria e agropecuária como as mais associadas. Em 2010 apenas as microrregiões de Três Lagoas e Nova Andradina possuem associação geográfica entre os setores da indústria e agropecuária, em sua maioria as microrregiões tem sua associação geográfica na indústria e serviços.

Assim, percebe-se que no decorrer da década analisada, algumas microrregiões mudaram os setores associados, como é o caso de Baixo Pantanal e Paranaíba que em 2000 os



setores associados eram indústria e pecuária passando em 2010 para os setores indústria e serviço. Na microrregião de Três Lagoas, a mudança foi o inverso.

A pesquisa revelou, que as redistribuições das atividades do Estado para as microrregiões foram relativamente baixas, onde representa que não houve uma mudança significativa na distribuição espacial dos setores.

Neste contexto, mediante aplicação das medidas de localização e especialização para as microrregiões de Mato Grosso do Sul, pode-se afirmar que a microrregião que mais se destacou quanto à dinâmica industrial foi a de Três Lagoas. Segundo Perroux (1977), as indústrias modernas, que são a chave da criação de um polo de crescimento, não são dinâmicas, pois elas são incapazes de oferecer empregos suficientes para criar um ambiente de desenvolvimento em toda uma região e até mesmo de uma pequena localidade.

6 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar o comportamento do setor industrial das microrregiões de Mato Grosso do Sul, através da metodologia dos clássicos de localização e especialização. Uma das principais constatações do estudo foi que o componente estrutural do Estado tem sofrido mudanças, ainda em pequena escala. O setor agropecuário tem diminuído sua participação e o setor industrial em constante evolução, no entanto, a tradição agropecuária se mantém quando analisado a participação e o resultado final do setor.

No Estado de Mato Grosso do Sul existe um “vazio industrial”, as indústrias instaladas têm em sua maioria uma distribuição semelhante no espaço geográfico. A microrregião de Três Lagoas foi a que mais se desenvolveu no setor industrial durante o período pesquisado, ademais observa-se que este destaque pode ter sido ocasionado por dinamismo local, por localização geográfica, infraestrutura ou incentivos fiscais.

As indústrias existentes nas microrregiões de Mato Grosso do Sul estão mais associadas geograficamente com o setor de serviços. Em 2010 apenas as microrregiões de Nova Andradina e Três Lagoas possuem padrão de distribuição espacial na atividade predominante do estado, ou seja, na agropecuária. Dessa forma os indicadores nos revelam que a produção agropecuária de todo o Estado possui pouca relação com as indústrias instaladas internamente. Provavelmente a maior parcela da produção está direcionada para exportação de insumos com baixo valor agregado ou para indústrias de transformação para outras localidades do País.

Dessa forma, pode-se concluir através das medidas aplicadas que o panorama do setor industrial mostrou o desafio que o estado de Mato Grosso do Sul tem para fomentar o desenvolvimento regional, a atração de investimentos e o incentivo à industrialização seriam caminhos para alavancar o potencial agrícola do Estado e conseqüentemente um progresso socioeconômico.

6 Referências Bibliográficas

BRITTO, Gustavo. ROMERO, João Prates. **Modelos Kaldorianos De Crescimento E Suas Extensões Contemporâneas.** – Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2011. 35 p. : il. - (Texto para discussão; 449)

CASSIOLATO, José Eduardo. **A Economia do Conhecimento e as Novas Políticas Industriais e Tecnológicas.** Albagli, Sarita, Lastres, Helena M.M.(org). In: Informação e Globalização na Era do Conhecimento. 1ª .ed., Rio de Janeiro: Editora Campus,1999.



CASSIOLATO, J. E. "Que futuro para a indústria brasileira?", in **O Futuro da Indústria: Oportunidades e Desafios: A Reflexão da Universidade**. Brasília: MDIC/STI/IEL Nacional, cap. 1. 2001

CONTERATO, M. A.; FILLIPI, E. E. **Teorias Do Desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DOMINGUES, E. P; RUIZ, R. M. **Os Desafios Ao Desenvolvimento Regional Brasileiro**. Cienc. Cult. vol.58 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2006

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961

FURTADO, Celso. **Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico: os conjuntos econômicos complexos e sua transformação**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

GALETE, R. A. **Uma Aplicação Do Método Estrutural-Diferencial Modificado Para A Microrregião De Maringá (PR) Frente À Economia Paranaense No Período De 1994 A 2008**. Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR, Umuarama, v. 9, n. 1 e 2, p. 35-68, jan./dez. 2008.

HADDAD, P.R.; FERREIRA, C.M.C.; BOISIER, S.; ANDRADE, T.A. **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: ETENE-BNB, 1989.

LIMA, Ana Carolina; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. **Teorias do desenvolvimento regional e suas implicações de políticas econômicas: o caso Brasil**. RDE nº 21, Julho de 2010.

_____. **Teorias Do Desenvolvimento Regional E Suas Implicações De Política Econômica No Pós-Guerra: O Caso Do Brasil** - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

LIMA, J. F. De; Alves, L. R.; Souza, E. C.; Pereira, S. M. **Alocação espacial da mão-de-obra nos estados do Sudeste brasileiro: apontamentos a partir da Análise regional**. Pesquisa & Debate, SP, volume 18, número 2 (32) pp.171-195, 2007.

MARINI, M. J ; SILVA, C. L. **Desenvolvimento Regional e Arranjos Produtivos Locais: uma abordagem sob a ótica interdisciplinar**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR • v. 8, n. 2, p. 107-129, mai-ago/2012, Taubaté, SP, Brasil

NASSIF, A. **Há evidência de desindustrialização no Brasil?** BNDES, TD nº108, Rio de Janeiro, 2006

OLIVEIRA, C. A. **Desigualdades regionais e pobreza no norte: Uma análise nacional do crescimento pró pobre na década de 90**. In ANPEC/BNB, editor, Anais do XIII Encontro Regional de Economia/Fórum BNB de Desenvolvimento, volume 13. ANPEC/BNB. 2008.

OLIVEIRA, Patrícia de. **As Relações Entre As Indústrias De Três Lagoas-Ms No Contexto De Territorialidade: Um Estudo Com Perspectivas De Desenvolvimento Local**. Campo Grande. UCDB, 2006.

PERROUX, F. **A Economia do século XX**. Porto: Herder, 1967.

RESENDE, M; WYLLIE R. **Aglomeración industrial no Brasil: um estudo empírico**. Estud. Econ. vol.35 no.3 São Paulo July/Sept. 2005

RODRICK, D. **Políticas de Diversificación Económica**. Revista de la CEPAL, nº 87, Diciembre 2005.

SEMAC - **Série Histórica do Produto Interno Bruto Municipal de MS – 1999-2010**

_____- **Dados Estatísticos do Mato Grosso do Sul 2012**



SIMÕES, R. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG / Cedeplar, 2005.

SIMÕES, R. **Métodos de análise regional: diagnósticos para o planejamento regional**. Belo Horizonte: UFMG, 2005

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009

_____. **Desenvolvimento Econômico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999

_____. **Desequilíbrio Polarização e Desequilíbrios Regionais no Brasil**. Revista Analise Econômica, ano 11, nº 19, março 1993.

SUZIGAN, W. et al. “**Clusters ou sistemas locais de produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas**”. Revista de Economia Política. São Paulo, v24, n, 4, p. 543-62, out.-dez. 2004

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo, Editora Nacional.1977

UDERMAN, S. **Indústria e desenvolvimento regional: uma análise das estratégias de industrialização na Bahia**. Salvador: FIEB, 2008, p. 252, Prêmio FIEB de Economia.

VIEIRA, Rosele Marques. MISSIO, Fabrício José. DATHEIN, Ricardo. **Análise estrutural-diferencial do mercado formal de trabalho em Mato Grosso do Sul**. Porto Alegre : UFRGS/FCE/DERI, 2013. 28 p.: il.-- (Texto para Discussão /Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas; n. 08/2013)

VIEIRA, Rosele Marques. **A dinâmica do mercado de trabalho formal no estado do Mato Grosso do Sul – MS, no período de 1990 a 2010, uma aplicação do método diferencial estrutural**. Tese de Doutorado em Economia. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZANBERLAN, C. O; NOGUEROL, L. P .F; SONAGLIO, C. M; ZAMBERLAN, J.F. **Análise da industrialização sul-matogrossense em face da industrialização brasileira**. G&DR . v. 6, n. 3, p. 114-135, set-dez/2010, Taubaté, SP, Brasil

IBGE < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ms>> site acessado em 15/10/2014.

IPEADATA< <http://www.ipeadata.gov.br/>> site acessado em 06/10/2014